



O Sensacionalismo e o Jornal: casos pioneiros¹

Profa. Dra. Jeana Laura da Cunha Santos
Docente da Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina

Resumo

A autora procura trazer à tona um instante pioneiro no Brasil de experimentação do sensacionalismo no corpo móvel, democrático, veloz e público do jornal através da perspectiva original de escritores como Machado de Assis e Olavo Bilac na virada do século XIX para o século XX. Nesta passagem, tais escritores (também “jornalistas”) elucidam, através de suas crônicas, esta percepção nova no imaginário da época, subscrita aqui pelas experiências de fragmentação, movimentação, choque e coletivização do corpo cultural e social, refletidos na forma moderna e reproduzível de um veículo também novo chamado jornal.

Palavras-chave

Jornalismo; Literatura; Crônica; Sensacionalismo

O jornal no Brasil: primeiras visões

Desde que o primeiro jornal começou a circular no Brasil, ainda no começo do século XIX, a literatura permanecia viva dentro dessas primeiras páginas volantes, uma vez que os principais homens de letras é que eram seus colaboradores. Se os países europeus passaram a substituir a prensa a vapor pela prensa tipográfica, e já no fim do século XVIII o jornal desmembrava-se cada vez mais do livro, no Brasil, a simbiose entre literatura e o jornalismo se estenderia até o século XX. Pouco havia de publicidade ou fotografia (via *charge*, fotogravura ou fotografia). Muito ainda havia de literatura (via conto, folhetim, poesia e crônica). Como se vê, uma bagagem considerada extremamente pesada para um veículo que almejava marchar com a velocidade de um trem expresso.

Essas mudanças no corpo móvel do jornal, reflexo das técnicas e do capitalismo em curso, são alegóricas das transformações ocorridas no nosso corpo sensorial através dos tempos. Investigá-las é buscar o instante pioneiro em que as primeiras camadas da nossa percepção tardo-moderna começaram a se formar. É agir conforme Walter Benjamin que ousou pensar uma história baseada na *recepção*, ou seja, no modo como se produzem as transformações na experiência, e não só na questão arte *versus* técnica.

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.



Porque, para ele, há dentro das configurações históricas e da experiência das coletividades uma mudança na percepção sensorial que se manifesta em novas tecnologias de reprodução.

E é espelhando essa demanda de uma coletividade mutável, complexa e descontínua que o veículo jornal surge como mais um espaço de onde se pode derivar a experiência de recepção das massas. Se o aparato sensorial moderno exigia formas que expressassem o estilhaçamento do tempo e do espaço numa era de reprodutibilidade técnica iminente, não é de se estranhar que o jornal viesse a disputar o espaço de leitura do livro. No periódico, a fragmentação do tempo, expressa em instantâneos, revela uma duração que já não é mais contínua e “natural”; os cortes das cenas (dos assuntos) fazem o produtor trabalhar sobre montagens; a experiência do receptor é coletiva e distraída, diferente da pintura (pose) em relação ao cinema (corte), diferente do livro em relação ao jornal.

Diante de tamanha novidade, não é de surpreender a recepção ambivalente que tal veículo de vanguarda suscitaria nos literatos que ousaram transpor o território canônico do livro para circular efemeramente nas páginas voláteis do jornal. Enquanto alguns o consideravam uma forma de prostituição, escritores como Machado de Assis renderiam verdadeiros tributos àquele que reuniria a todos, produtor e receptor, numa grande “tribuna universal”.

A constatação de Machado, mencionada acima, deu-se na sua inflamada – e até ingênua – apologia do veículo, publicada no *Correio Mercantil* de 10 e 12 de janeiro de 1859, sob o título “O jornal e o livro” (COUTINHO, 1959, vol. 3). Imbuído de uma retórica liberal, o texto discute a relação entre o livro e o jornal e profetiza o aniquilamento do primeiro. Dentre as várias razões para justificar declaração tão drástica, cita a demanda do espírito humano por movimento: “A lei eterna, a faculdade radical do espírito humano, é o movimento. Quanto maior for esse movimento mais ele preenche o seu fim, mais se aproxima desses pólos dourados que ele busca há séculos. O livro é um sintoma de movimento? Decerto. Mas estará esse movimento no grau do movimento da imprensa-jornal? Repugno afirmá-lo”.

Depois de considerar o jornal a “reprodução diária do espírito do povo” ou o “espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos”, diz que o livro não está nestas mesmas condições e que haveria algo nele de “limitado e de estreito” quando comparado ao jornal. E mais uma vez retoma a questão do movimento: “Depois o espírito humano tem necessidade de discussão, porque a discussão é – movimento. Ora, o livro não se



presta a essa necessidade, como o jornal. A discussão pela imprensa-jornal anima-se e toma fogo pela presteza e reprodução diária desta locomoção intelectual” (COUTINHO, 1959).

A idéia de “locomoção intelectual” faz Machado aproximar o veículo de expressão que é o jornal de um outro veículo, agora de translação, que, juntamente com outros transportes públicos, estava em voga no imaginário popular e dos cronistas da época: a locomotiva. O jornal “é a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos”, afirma ele. Mais até do que a locomotiva ou o trem, o bonde é o veículo que potencializa esta visão do jornal como um transporte público, cada vez mais ágil nos seus avanços tecnológicos, e que circula pela cidade levando e trazendo passageiros-leitores, “pescando” notícias. A crônica, além de tematizar freqüentemente o bonde por esse tempo, refletiria o olhar de quem está dentro desse veículo de translação: recortado, acelerado, que percorre a cidade, em suma, um olhar de passageiro, um olhar de quem está de passagem. Tal qual a leitura do jornal, os cidadãos só estão presentes de um modo transitório: na cidade que se acelera, todos são passageiros permanentes.

O bonde, da mesma forma que o jornal, também faz parte da cidade moderna e dos novos tempos, em que a velocidade, sobretudo com a tração elétrica, acelera-se sempre em direção ao amanhã, em direção à industrialização e à utopia de um progresso benfazejo, de uma melhora democrática na qualidade de vida dos cidadãos, da repartição das letras (com o jornal) e das vias públicas (com o bonde). Não é à toa que Machado tenha dito que os dois maiores acontecimentos “dos últimos trinta anos” (escrevia em agosto de 1893 em comemoração aos dezoito anos de fundação da *Gazeta de Notícias*) teriam sido precisamente o bonde e o jornal, além de ter dedicado ao primeiro inúmeras crônicas. Ambos são sintomas, reflexos do *sensorium* de uma humanidade que, como dizia o autor, almejava o movimento.

Assim como o jornal, a recepção da novidade do bonde, sobretudo o elétrico surgido no Rio de Janeiro em 1892, dar-se-ia numa dialética. Se de um lado tais veículos provocavam *frisson* nas suas inovações e aumentos de velocidade, também assustavam pelos acidentes causadores de traumas e amputações. Conforme Buck-Morss, “corpos ameaçados, membros esmagados, catástrofe física – estas realidades da modernidade davam a face inferior da estética técnica das fantasmagorias enquanto ambientes totais de conforto corporal. O cirurgião que tinha como tarefa, literalmente, juntar as peças dos desastres do industrialismo, atingira uma nova proeminência social” (BUCK –MORSS, 1996, p. 31).

O correlato do cirurgião na operação anestésica do corpo é o cronista na operação narcótica da alma, envolta na experiência de estilhaçamento da vida moderna. Se o cirurgião juntava literalmente as peças dos desastres do industrialismo, então



escritores como Machado de Assis e Olavo Bilac as juntariam simbolicamente no texto. E os escritores as juntariam melhor no veículo mais próximo à experiência moderna: o jornal, essa forma fragmentária exemplar da reprodutibilidade técnica. Se no caso do cirurgião a anestesia tornar-se-ia fundamental para tirar a sensibilidade do paciente diante da experiência da dor, o jornal seria a fantasmagoria que aplacaria a dor e o choque da vida moderna, experimentados nas grandes cidades. No seu princípio formal, ele mimetiza a experiência de choque vivenciada pelo cidadão, operando numa dialética: de um lado, atravessa o escudo entorpecente da consciência, provocando um mal-estar para a ordem fria da vida; de outro, oferece um treinamento para fortalecer a defesa do indivíduo.

E tal experiência calmante não se dá mais por entorpecimento, como na droga química, mas por excesso, por inundação dos sentidos. O jornal estenderia o efeito de choque e o anestesiaria. Em seu princípio formal, ele mimetiza a experiência violenta da vida moderna e a devolve em cápsulas, des-membrada, amputada da história contínua, num processo de fragmentação que só viria a aumentar com o seccionamento cada vez maior da linguagem até chegar à notícia jornalística. Os efeitos de choque e fantasmagoria refletem-se tanto na forma que o jornal adota quanto na fixação por assuntos ligados a catástrofes e violências urbanas, num percurso que ainda faz das páginas policiais as mais lidas em todo o mundo.

O sensacionalismo no jornal

Se o jornal, enquanto fantasmagoria, mimetiza em seu corpo a experiência de choque do próprio corpo humano na vida moderna, os assuntos preferidos pelos leitores não poderiam ser outros que os que levam a sensação ao limite, como a predileção por crimes bárbaros nas cidades e as catástrofes planetárias, que vão desde as naturais (terremotos, vulcões, maremotos) até as produzidas pela *segunda natureza* da tecnologia (acidentes aéreos, ferroviários, urbanos). É como se através do jornal os traumas decorrentes da percepção do choque nas grandes cidades e da opressão causada pelo automatismo do trabalho fossem amenizados e devolvidos em forma de entretenimento. Para Marcondes Filho, “a necessidade sensacional da notícia vem de uma espécie de compensação associada ao processo do trabalho”. Assim, o jornalismo sensacionalista “é o outro lado da opressão social do trabalho e das exigências absurdas impostas ao trabalhador pelo processo de produção”. Como



correlato dessa neurose, o conteúdo da imprensa sensacionalista é o escândalo, o sexo e o sangue. “A forma sensacionalista de produzir jornal está também ligada a exacerbações de neuroses coletivas e ao desvio dos culpados pela situação das massas” (MARCONDES FILHO, 1986, p. 88).

Caberia ao jornalista essa mediação, não sem prejuízo para o seu próprio corpo, como documenta Olavo Bilac em crônica da *Gazeta de Notícias* do dia 11 de junho de 1895 (apud DIMAS, 1996, pp 149-153) em que chama tal profissional de “homem-multidão” e procura elucidar os caminhos que estariam levando esse “filho de Gutenberg” a abdicar de “ter papilas nervosas na sua grossa pele de pedra e ferro”, a tal ponto que os acontecimentos passassem por ele “como as rajadas do vento passam por cima das rochas vivas sem que as enruguem nem abalem”. Diante do desafio de ser “como as engenhosas máquinas americanas de escrever – uma fila de teclas, um rolo de tinta, uma bobina de papel –, mais nada”, o jornalista precisou pagar um alto preço: tornou-se o profissional que mais freqüentava os consultórios de moléstias nervosas da época: “Quando entrardes num desses consultórios e virdes um homem, no meio da sala, firmando-se no chão com um pé só, olhos fechados e braços abertos no ar – podeis desde logo assegurar que é um jornalista neurastênico em que se procura verificar a existência do sinal de Romberg.”

Conforme Buck-Morss (1996, pp 24-25), a anestésica tornou-se uma técnica sofisticada na segunda metade do século XIX, e, portanto, neste período da crônica de Bilac. Visava combater a “neurastenia”, doença identificada em 1869 pelo doutor George Miller Beard, em Nova Iorque, e que por volta dos anos 1880 já era largamente debatida na Europa. O tratamento dava-se por eletroterapia (choques) ou por drogas como o ópio ou a cocaína, e seu efeito fundamental era a desintegração da capacidade para a experiência e, por isso, tinha algumas denominações significativas: nervos “abalados”, “colapso” nervoso, “feito em pedaços”, “fragmentação” da psique. Era causada, segundo levantamento da autora, por excesso de estímulo decorrente do trabalho em demasia, do desgaste da vida moderna, dos acidentes ferroviários, dos trabalhos nas fábricas etc. Diante disso, é interessante constatar uma das situações que Bilac cita como sendo desencadeadora de “moléstias nervosas” no jornalista:

O jornalista X, bem-dormido e bem almoçado, sai de casa, a caminho do seu jornal. Toma um bonde elétrico. Abre todas as folhas e começa a ler. Já essa leitura principia a desorganizar-lhe o sistema nervoso. Em meio da viagem, o bonde elétrico (não fosse ele elétrico!) reduz a pó impalpável o corpo de um transeunte. X toma do lápis e registra o fato: e já é seu próprio corpo de jornalista que sente a dor terrível do **despedaçamento** (sem grifo no original)... (apud DIMAS, 1996)

Além de ratificar o exemplo do acidente ferroviário como uma das causas da neurastenia, “a dor terrível do despedaçamento” que sente o corpo do jornalista ao ver o corpo despedaçado do transeunte ilustra bem uma das metáforas para a doença: nervos “feitos em pedaços”. E é precisamente o choque do despedaçamento do corpo que o jornalista registrará no corpo também em pedaços do jornal. A experiência traumática da vida real, desencadeadora de neurastenia, precisa ser aplacada (no caso da crônica, o “especialista em moléstias nervosas” dará cabo ao “derramadíssimo e atrapalhadíssimo sistema nervoso” do jornalista) e, enfim, transferida na forma despedaçada da notícia “sensacional” do jornal.

A imprensa sensacionalista descobriria aí um filão e acabaria por transformar a informação em distração que primaria pelo extraordinário, pelo exótico e pelo singular, embalados ou como comédia ou como tragédia. Tantas as páginas que trazem manifestações da desgraça, da agressividade ou da violência humana e da natureza, quanto as que divulgam acontecimentos sobrenaturais ou inexplicáveis, trazidos por videntes, adivinhadores, além, é claro, do indispensável horóscopo, são as mais lidas pelo público. “Al igual que en los espectáculos de feria donde, tras una cortina, aparecía lo inusitado, en los medios se busca la anormalidad, todo lo que rompe la rutina para ofrecerse como acontecimiento: la noticia será el perro que muerde al humano” (SÁNCHEZ NORIEGA, 1997, p. 330).

O espetáculo cotidianiza-se, e a experiência, apartada da vida, ganha a categoria de “experiência imediata” nas páginas do jornal. O sensacionalismo, promovendo a singularização extrema dos fatos e a sua espetacularização, aplaca o mal-estar, distrai a consciência e dilui a ação ou re-ação na superfície do sensível, atuando como um narcótico. O sujeito, procurando des-sensibilizar a experiência concreta do choque na vida, recoloca-a em um apêndice que a devolve artificializada em segunda natureza, num verdadeiro *show-business* dos sentimentos. É claro que o aparato televisivo levaria ao extremo esta espetacularização pelas mediações do poder espectral da



imagem, da dramatização do narrador das notícias e do imediatismo da ação. No Brasil, programas como *Cidade Alerta* e os já findos *Aqui Agora* e *Linha Direta* ilustram bem o comércio da hipérbole dos sentidos, convertendo o espetáculo televisivo na nova luneta mágica da contemporaneidade. Sem falar nos *reality shows*, como *Big Brother Brasil* (Globo) e *A Fazenda* (Record), ambos com índices polpudos de audiência. Obviamente não estamos falando, no caso destes últimos, de telejornalismo, mas é interessante constatar que uma pseudo-realidade, confinada num laboratório dos sentidos humanos, torna-se mais vendável do que a dramaturgia fictícia da telenovela ou do que a pretensa realidade dos fatos do telejornal.

Embora o aparato tecnológico da televisão tenha levado a sensação ao limite, foi no jornalismo impresso que as primeiras camadas da percepção narcótica, fantasmagórica, sensacionalista da realidade encontrariam um catalisador. O esquiteamento dos sentidos, registrado nas páginas desmembradas do jornal, encontraria seu correlato no esquiteamento de corpos servidos aos pedaços, para saciar o apetite voraz de toda uma coletividade.

Um caso de sensacionalismo em Machado

E foi com ávido apetite que a cidade do Rio de Janeiro acompanharia o assassinato de Maria de Macedo, uma mulher de “cor parda” encontrada “sem cabeça, com o braço esquerdo desarticulado pela cabeça do úmero, o antebraço direito com a mão decepada e em flexão sobre o braço, as pernas cortadas pelo terço inferior de fêmur, e as partes pudendas queimadas por ácido azótico”, conforme noticiou a *Gazeta de Notícias* do dia 21 de setembro de 1892. O que levaria Machado de Assis a concluir, em crônica publicada no mesmo jornal, no dia 25 de setembro, que, “digam o que quiserem; o homem gosta dos grandes crimes”. Comentando que a sociedade carioca estava “expirando de tédio”, faz alusão à culinária para analisar a fome da população por esse tipo de crime:

Ratonices de queijos e outras miudezas são como os biscoitos velhos e poucos; enganam o estômago, não matam a fome. E a fome vivia e crescia, sem nada que lhe pusesse termo, até que um gato descobriu no Largo do Depósito aquele tronco de gente. Foi um banquete pantagruélico. Um simples pedaço de cadáver, ensopado em mistério, bastou a fartar toda a cidade. Os mais gulosos pediam ainda a cabeça, as pernas e os braços. O mar, imensa panela, despejou

esse manjar último. Agora pedimos os cozinheiros; venham os cozinheiros (apud GLEDSON, 1996, p. 126).

A ironia de Machado dá conta de que há um prazer quase libidinoso na degustação do corpo fatiado, servido no também fatiado espaço do jornal. Conforme Marcondes Filho, “a mercadoria do jornal liberal é a informação, sensacionalizada e **mutilada** (sem grifo no original) para tornar-se mais vendável” (MARCONDES FILHO, 1986, p. 88). Contra a dor do despedaçamento (neurastenia) da vida moderna, a notícia sensacionalista, mutilada na forma e no que tematiza, anestesia os sentidos e provoca prazer. O prazer do esquecimento como uma necessidade de sobrevivência. Isso porque as energias excessivas do exterior e as experiências dos choques cotidianos das cidades modernas levariam o indivíduo a adquirir o hábito de responder a estímulos sem pensar. Sob forte tensão, o ego perderia a dimensão da memória para que a experiência se empobrecesse e se tornasse menos traumática. O choque, evadido pela consciência, não penetra fundo e não deixa um traço permanente na memória. O indivíduo (entorpecido, anestesiado) adquire, então, capacidade mimética como um reflexo defensivo (torna-se um autômato). Só que, ao perder a experiência da memória, insensibilizando os sentidos para os estímulos das novas tecnologias, pode perder também a capacidade de olhar e, portanto, de alterar a realidade que o oprime, deixando de ter capacidade de responder politicamente. “Assim como a infantilização do leitor, o sentimentalismo desvia a possibilidade de uma apreensão amadurecida dos fatos sociais” (MARCONDES FILHO, 1986, p. 92). Machado percebe isso no final da crônica quando escreve:

Agora, o mal que resulta deste grande crime, é não sabermos se ficará bastante curiosidade para acudir à eleição dos intendentos. Talvez não. Eleitor não é gato de sete fôlegos. Deixa-se ficar almoçando; os intendentos vão ser eleitos a cinquenta votos. Poucas semanas depois, trinta mil eleitores sairão de casa murmurando que intendência não presta para nada (apud GLEDSON, 1996, p. 128).

Lima Barreto (2001), no livro que faz uma espécie de radiografia da imprensa brasileira na virada para o século XX (*Recordações do escrivão Isaías Caminha*, 1908), também descreve a ocorrência de um “crime sensacional” que acabaria desviando a atenção da cidade de assuntos mais “urgentes”, como a remodelação do



Rio de Janeiro, inspirada no modelo adotado em Paris por Haussmann, e o projeto dos sapatos. Tratava-se do assassinato de dois amantes da alta sociedade que foram encontrados mortos a facadas e decapitados. Escrita a notícia do crime, “espalhou-se rapidamente, com uma rapidez de telégrafo, com essa rapidez peculiar às notícias sensacionais que, nas grandes cidades, se transmitem de homem a homem quase com a velocidade espantosa da eletricidade” (BARRETO, 2001, p. 117). A população, ávida por mais informações, aglutinava-se na frente da redação do jornal para ler os boletins afixados na parede, o que fez o proprietário do veículo rir de satisfação porque ia vender “mil ou dois mil exemplares”. A “sensação” da notícia se perpetuaria por mais sete dias:

As indagações continuavam e o crime sacudia a cidade. A sua brutalidade e o seu mistério como que continham ameaças a todos; além do que estava envolvido numa atmosfera de amor, de amor proibido, embalsamada de luxo, de elegância e mocidade, que abalava e preocupava todas as imaginações (BARRETO, 2001, pp 125-126).

Aqui, ingredientes paradoxais, como o amor e a violência, misturam-se na fórmula hiperbólica do sensacionalismo vendido para as massas. Para Noriega, “ese sensacionalismo hace que el criterio prioritario en la selección de temas en los medios sea la violencia, la agresividad, el dolor y los sucedáneos de dolor. Y, en la otra cara de la moneda, el amor, la historia romántica, la pasión mantenida y heroica” (SÁNCHEZ NORIEGA, 1997, p. 334).

Os mesmos ingredientes estão presentes na notícia sobre Maria de Macedo que, para muito além dos sete dias de duração do crime narrado por Barreto, ocupou as páginas dos jornais por cerca de quatro meses. Constata-se, assim, que a banalização da percepção face à violência é diretamente proporcional a sua crescente veiculação pelos meios e que, com o passar do tempo, os sentidos humanos foram ficando mais e mais anestesiados diante da experiência de fragmentação e do choque experimentados cotidianamente nas cidades modernas. Os olhos vêem, mas “bombardeados com impressões fragmentárias, vêem demasiado – e nada registram” (BUCK-MORSS, 1996, p. 24).

Os relatos dessas amputações, clivagens, decapitações, como um sucedâneo e um anestésico da experiência concreta do choque, refletir-se-iam não só no conteúdo



do texto, mas no próprio estilhaçamento do corpo textual, do qual o jornal, com suas infinitas seções e editoriais, é o exemplo pioneiro mais candente.

Referências bibliográficas

BARRETO, Lima. **Recordações do escravidão Isaías Caminha**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ática, 2001.

BOSI, Alfredo et al. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982. Coleção escritores brasileiros: antologia e estudos; 1.

BUCK-MORSS, Susan. “Estética e anestética: o ‘ensaio sobre a obra de arte’ de Walter Benjamin reconsiderado”. In: **Travessia**: revista de literatura. Florianópolis (SC): Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (Edufsc), ago / dez 1996. n° 33. pp 11-41.

COUTINHO, Afrânio (org.). **Machado de Assis — Obra Completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959. vol. 3.

DIMAS, Antônio (org.). **Vossa insolência**: crônicas / Olavo Bilac. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GLEDSON, John (edição, introdução e notas). *Bons Dias!* crônicas (1888-1889) Machado de Assis. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**: jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986.

SÁNCHEZ NORIEGA, José Luiz. **Crítica de la seducción mediática**. Madrid: Tecnos, 1997.